

Entrevista com Anderson da Mata: “falta o contato com a voz dos outros. Faltam os encontros. Para mim, falta a sala de aula”*

*Interview with Anderson da Mata:
“contact with the voice of others is
missing. The gatherings are missing.
For me, the classroom is missing”*

Ricieri Camatti Silva**

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

*O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

**Mestrando em Teoria da Literatura no Programa de Pós-graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Graduado em Escrita Criativa (PUCRS). E-mail: ricieri.silva@acad.pucrs.br

SILVA, Ricieri Camatti. Entrevista com Anderson da Mata: falta o contato com a voz dos outros. Faltam os encontros. Para mim, falta a sala de aula. *Léguas & Meia*, Brasil, n. 11, v. 1, p. 66-72, 2020.

<http://dx.doi.org/10.13102/lm.v%0vi%i.6215>

Anderson Luís Nunes da Mata é professor de teoria literária da Universidade de Brasília e editor assistente da revista estudos de literatura brasileira contemporânea. Publicou os livros *O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea* (Eduel, 2010) e *Fora do retrato: estudos de literatura brasileira contemporânea* (organização com Regina Dalcastagne; Horizonte, 2012).

Poderia descrever como está a sua rotina nesse momento de pandemia? O que mudou?

A pandemia e o isolamento por ela imposto já duram tanto tempo que é possível dividir o modo como encarei a nova rotina por fases. O pânico com o iminente fim do mundo inicial, que tinha até lá sua graça pela excitação de que algo finalmente poderia estar acontecendo para mudar o rumo de tudo radicalmente, foi substituído pelas demandas de retomada do trabalho, que levaram a um mergulho na descoberta de outras formas de ser professor, nem sempre agradáveis ou bem-sucedidas. Agora, sobrevém a irritação profunda com a falta de contato com outras pessoas que não o meu marido, outros espaços que não os dos cômodos da própria casa. Cada uma dessas fases foi acompanhada por diferentes modos de levar a rotina: muita leitura e a redescoberta da casa nos primeiros dias, dores no corpo e horas e horas de tela na segunda fase e uma certa modorra neste momento em que completamos sete meses de isolamento. O que parece estar chegando para logo mais é a exasperação pela falta de perspectivas: sanitárias, políticas, profissionais – não há políticas de saúde em execução ou em planejamento para que saíamos dessa situação, o país está em chamas e satisfeito com sua própria destruição e a universidade pública sob ataque sem sinalizar uma reação.

A partir disso, de que modo a cultura tem contribuído em sua rotina e de quem está ao seu redor? E, também, qual o papel da arte em um mundo em crise evidenciado pela pandemia?

Tenho pensado muito nisso. Especialmente no quanto pode ser necessário estar com o coração batendo em um ritmo específico para se lidar com a arte. À medida que a pandemia foi se tornando um estado permanente e insinuando uma ansiedade difusa, presente em cada tarefa, por mais banal que ela seja, em cada conversa, em cada notícia, foi me parecendo cada vez mais difícil a concentração necessária para perder-se numa experiência estética.

Leio menos e com menos qualidade do que antes, isso é certo. Falta, para uma melhor experiência, o contato com a complexidade dos estímulos da rua – ou da natureza, se fosse o caso. Falta o contato com a voz dos outros. Faltam os encontros. Para mim, falta a sala de aula. É do mundo, do outro, do movimento em direção ao outro que a experiência estética tira sua espessura. O isolamento vai na contramão desse tipo de experiência.

Porém, tenho a impressão de que as ficções têm sido um refúgio para muitos amigos. Vejo muitas listas de leituras ou de filmes vistos, vejo muitos relatos de escrita e, até mesmo, livros já saindo publicados, com a velocidade que as plataformas digitais hoje permitem e com a pressa que elas – e talvez o espírito do tempo – também impõem. Meu tempo é outro. E, hoje, minhas prioridades, também: estar atento à sobrevivência é o que tem me movido. Gostaria muito de poder dizer que a arte tem o poder de me equilibrar nesse presente, mas não tem sido essa a experiência que tenho atravessado na pandemia. Algumas tentativas de resposta estética para esse tempo têm inclusive me

parecido vulgares e banais diante da gravidade do que está acontecendo e, por isso, não tenho dado atenção a elas.

Como a pandemia afetou a sua produção crítica e/ou ficcional?

A pandemia inibiu qualquer desejo criativo. A princípio, diante da iminência de um fim, me pareceu inútil escrever diante da possibilidade de gastar meu tempo conhecendo algo mais da literatura que ainda não havia lido. Depois, até isso me pareceu algo inútil e fui me dedicar à minha única companhia no isolamento - a viver junto. O massacre de trabalho que veio com as demandas pela retomada, e o quanto isso pesou emocionalmente, tornaram a escrita para mim algo impossível. Indesejável até.

Em seu livro *O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea*, em dado momento, ao analisar o desenvolvimento sociocultural de uma parcela das crianças brasileiras que estão à margem dos ideais protecionistas propostos pela “Declaração universal dos direitos da criança”, há a constatação de que, na ausência daquilo que a elas deveria ser garantido, “são colocados traços de uma maturidade que não transforma as personagens infantis em crianças precoces, mas em adultos em miniatura”. A conclusão é rica. Em tempos de isolamento social, no Brasil, estariam as crianças de todos os estratos sociais inclinadas ao desenvolvimento de novidadeiros traços de maturidade? Em um país notório pela profunda desigualdade social, como as camadas mais desassistidas reforçariam ainda mais essa necessidade de amadurecimento das personagens que delas advém?

Não tenho dúvidas de que o isolamento traz um forte impacto no que chamamos de infância. De um lado, nas classes médias urbanas, em que o isolamento pôde ocorrer em maior medida, com a manutenção mais efetiva das atividades escolares, o impacto maior será no desenvolvimento de habilidades sociais dessas crianças, que não estão mais em contato presencial senão com seus familiares. De outro, em meio à população mais pobre, que não pôde fazer o isolamento por tanto tempo, o dano maior para as crianças é, provavelmente, a ausência da escola. Com as escolas públicas fechadas por tantos meses e, posteriormente, funcionando de forma precária nas diferentes e insuficientes soluções de ensino remoto experimentadas (insuficientes não por falta de vontade e disposição dos professores, claro), é difícil mensurar qual será o efeito de 2020 para a geração que hoje está em idade escolar. O que se pode afirmar é que a desigualdade se acentua quando apenas a parcela mais rica das crianças tem acesso à escola, um dos pilares do que entendemos e do que defendo como infância.

A imagem da criança como um “adulto em miniatura” de que falo no livro está mais relacionada à instrumentalização da imagem da criança para uma espécie de denúncia da infância roubada, presente sobretudo na representação de crianças pobres, que a outro aspecto que tem sido destacado por diferentes pesquisadores a respeito do amadurecimento precoce de crianças: o acesso sem filtros à informação. A narrativa de que a criança tomava conhecimento do mundo de forma controlada pela família e pela escola, cai por terra com o acesso cada vez mais frequente das crianças aos meios eletrônicos de comunicação (rádio e TV) e intensificada, agora, pelos meios digitais (portais de notícias e, principalmente, redes sociais). Sem a diferença de acesso à informação – ou até com o acesso mais fácil dos mais jovens –, o que temos é, de fato, uma transformação da infância tal como a conhecíamos até a primeira metade do século XX. Esse aspecto ainda está pouco presente na literatura que se volta para as personagens

infantis, mais interessada, como já indiquei, na instrumentalização dessa imagem em torno das idealizações românticas da infância e da criança.

Existe um espaço de pesquisa significativa na área de literatura infantil? Em quais aspectos essa literatura influencia na construção da criança como parte ativa do processo literário, seja na criação ou na leitura?

Há, sim, muitos pesquisadores dedicados ao tema e me parece que tem havido uma progressiva ampliação do interesse. Como sabemos, a acumulação ajuda a fortalecer um campo de estudos, mas é inegável que ainda se tratam de pesquisas que ocupam uma posição marginal. Um sintoma disso é termos há décadas sempre os mesmos nomes de três ou quatro pesquisadoras como referência quando se fala em estudos sobre a literatura infantil.

Essa marginalização dos estudos sobre a literatura infantil pode ser atribuída a alguns fatores. Um primeiro que destacaria é a histórica associação entre a literatura infantil e a pedagogia. Ainda que toda ferramenta crítica instrumentalize a literatura em nome de algum interesse – confessado ou não –, a presunção de que a leitura do texto em um contexto escolar, afasta a crítica que se diz séria desse campo. É bem verdade que há equívocos nesse sentido, como o malogrado programa de contação histórias moralistas promovido pelo Ministério da Educação neste ano de 2020. Porém, há um trabalho sério e criativo, de valorização da leitura, promovido muitas vezes pelas professoras e pelos professores, em projetos de abrangência local, muitas vezes, alcançando apenas a própria escola. Por isso, temos de ouvir mais os professores e saber de suas experiências. E, claro, o debate sobre a literatura infantil não precisa e nem deve estar confinado às escolas. Elas têm de ocupar um lugar de destaque nesse campo de estudos, mas é possível olhar para a literatura infantil para além dela. Porém aí entramos em outro fator de marginalização da literatura infantil: não há interesse em imaginar, muito menos conhecer, esse leitor infantil. Há, na verdade, muito pouco interesse pela infância. O campo da crítica, se olharmos bem, tem no seu horizonte, muitas vezes, uma paisagem de homens velhos.

A pesquisa que concluímos há dois anos na Universidade de Brasília, coordenada por Regina Dalcastagnè, Igor Graciano e eu, sobre os periódicos brasileiros de maior prestígio, de acordo com a avaliação da CAPES, publicados entre 2000 e 2014, constatou que nenhum escritor que tenha se sagrado como autor de literatura infantil aparecia entre os mais frequentemente estudados, com Guimarães Rosa, Machado de Assis e Antonio Candido à frente, nesta ordem. É interessante notar esse dado em um contexto em que a maioria dos artigos publicados nesses periódicos tenham sido assinados por mulheres e que uma das pesquisadoras mais produtivas nesses periódicos seja justamente uma autora que dedica parte significativa do seu trabalho de pesquisa a esse campo: a professora Regina Zilberman. Ou seja, apesar do trabalho reconhecido de alguns pesquisadores do campo, ainda se trata de um reconhecimento pontual e isolado. Ao mesmo tempo, pesquisadoras como a professora Zilberman têm sido fundamentais na consolidação do campo e na formação de novos pesquisadores sobre a literatura infantil.

Outro aspecto que pode contribuir para esse interesse marginal pelo que a literatura diz às crianças é também fruto do desinteresse que, em geral, temos pelo que as crianças têm a dizer. Quando falamos sobre crianças e infância é interessante que se siga sempre falando “sobre” e que haja pouca escuta. Pesquisadores como Walter Kohan têm parado para escutar as crianças e nos apresentado achados incríveis a partir do pensamento das crianças. Na literatura, desconheço algum editor que tenha levado a sério a possibilidade de publicar um livro escrito por crianças ou uma crítica que escute as crianças para informar sua escrita.

De quais formas a manutenção do ENEM 2020, com as provas adiadas para os meses de janeiro e fevereiro do próximo ano, podem prejudicar o acesso às universidades e, conseqüentemente, o processo de inserção social dos jovens, levando-se em conta a inexistência de um ano letivo composto de aulas presenciais?

O problema não é o adiamento do ENEM. O exame ainda é a saída mais democrática, de alcance nacional, que se encontrou até agora para o acesso ao ensino superior. É preciso lutar pelo seu aprimoramento. O problema, nesse caso, é termos enfrentado um problema de dimensão nacional (a suspensão das atividades presenciais em todas as escolas do país) sem uma coordenação nacional. O MEC foi omissivo, inclusive com relação ao próprio adiamento do ENEM, só confirmado depois de muita pressão da sociedade, e o que temos é um agravamento da desigualdade, já que as escolas particulares não só puderam colocar o ensino remoto como um paliativo para funcionar, mas também retomaram as aulas presenciais à medida que os estados foram autorizando a reabertura. Sem um plano nacional para a retomada, com investimento público na viabilização do acesso aos meios digitais para o ensino remoto e para a preparação sanitária das escolas, sem um governo, como nos encontramos, estamos à deriva. O custo para essa geração, principalmente as que se encontram nos anos iniciais do Ensino Fundamental e no final do Ensino Médio, será altíssimo. Para as crianças, a interrupção e o atraso no processo de alfabetização terão impacto em toda sua vida escolar. Para os adolescentes, a frustração com mais uma desvantagem na disputa por uma vaga na universidade, o atraso na entrada no mercado de trabalho, a desesperança com um país que não lhes dá nenhuma perspectiva de futuro e o trauma da pandemia marcarão uma geração inteira.

Sobre o atual momento político e econômico brasileiro, quais as perspectivas frente aos constantes anúncios de supressões de investimentos nas áreas de pesquisa? O fato de o periódico quadrimestral no qual você é editor assistente, *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* (Qualis/CAPES A1), estar com as submissões suspensas tem a ver com a atual política de financiamentos e/ou a crise sanitária instalada?

A pesquisa no Brasil está em processo de desmonte. A Esplanada dos Ministérios está ocupada por uma seleção incrivelmente bem feita de idiotas – muitos deles, frise-se, colegas nossos, professores universitários –, incapazes de fazer gestão pública. Então, o desmonte da pesquisa e da educação, que não começa no governo Bolsonaro, pois desde a crise em que o país mergulhou para que o golpe fosse tornado possível em 2016, houve diversos cortes e contingenciamentos, mas que tiveram em 2018 um ponto de inflexão inédito, pois somou-se à crise econômica a incompetência pura e simples. Burros e mal intencionados na mesma medida, os gestores têm atacado abertamente as humanidades, dentro da lógica paranoica anacrônica de que todos os que não concordam com eles são comunistas. No CNPq e na CAPES, tem sido feita a redefinição das áreas prioritárias para investimento, o próprio redesenho das áreas de pesquisa, a modificação ou supressão de programas já estabelecidos, sem que haja nenhuma proposta consistente para substituir tudo o que está sendo destruído. Nesse contexto, os pequenos editais que permitiam o financiamento dos periódicos, algo que não é caro, ou excluíram as revistas das áreas de humanidades ou deixaram de ser lançados. Nossa tradição de periódicos de acesso aberto, mantidos com o trabalho voluntário de professores, que tinha tido um salto de profissionalização nos últimos 20 anos, o que pude constatar na leitura extensiva dos periódicos no contexto da pesquisa que citei e na própria revista *Estudos de Literatura*

Brasileira Contemporânea, está sendo posta a perder porque não há financiamento nem mesmo para o mínimo necessário para que se pague os profissionais envolvidos na edição que têm de ser adequadamente remunerados pela revisão, diagramação e secretaria do fluxo de artigos. Esse é o contexto em que se encontra a ELBC, um periódico com vinte anos de história e mais de 50 números publicados, com grande impacto nacional e internacional, hoje sem nenhum apoio das agências de fomento brasileira.

Reflexão constante, muito se questiona sobre o papel da prática literária para a mudança de paradigmas políticos e sociais. Mas e qual o do campo da pesquisa da Literatura em si? Além de servir como ponte crítica e teórica entre obras e pesquisadores, ao seu ver, essa área atinge o grande público de maneira satisfatória? Afinal, essas veredas de acesso contribuem para que se compreenda o papel fundamental das humanidades na formação das nossas identidades, fortalecendo a resistência em prol da valorização da área...

Na minha opinião, a pesquisa em literatura não tem que ter como objetivo atingir o grande público. É um debate especializado que até pode escapar de seu meio nativo de circulação, mas penso que se tiver como objetivo primeiro extrapolar esse campo, é provável que perca de vista algumas das suas dimensões mais ricas, que é a do aprofundamento de alguns diálogos que exigem vocabulário próprio, formas próprias e tempo de estudo e dedicação na área. Essa demanda pela popularização do conhecimento em qualquer enunciação parece ter ganhado mais força nos últimos anos, na medida em que os intelectuais se fizeram públicos – e para um público de milhões de pessoas – nas redes. Então, de tempos em tempos ressurgem nessas próprias redes o meme “sua tese precisa ser compreendida pela sua avó”. Se até a tese for divulgação científica, acho que não haverá mais ciência. Falo do meme porque é uma demanda que parece já ter saído das redes e ganhado outros terrenos do debate sobre a pesquisa com um viés equivocado. Concordo que a pesquisa deva se mostrar para o grande público, mas é preciso encontrar o meio adequado para isso, lembrando que não é necessário que seja um espetáculo barato, e não é razoável exigir que os pesquisadores façam ao mesmo tempo a pesquisa e o show.

Sobre o grande mercado editorial e os atuais movimentos à sua margem, há convergência o suficiente para que se compreenda a importância de abrir e explorar novos lugares de escuta que comportem as premissas contemporâneas e multiculturais? Como esses agentes assumem e promovem as demandas por discursos plurais?

Acredito que nunca tenha havido tanto espaço. O lamentável fim das livrarias físicas, aliado à abertura dos espaços alternativos nas redes e à diminuição dos custos de produção de um livro abriram um enorme espaço para o surgimento de projetos independentes dos veículos mais consagrados do mercado editorial. Apenas tomando o que chamamos de literatura contemporânea por base, se entre os anos 90 e 00 houve uma certa estabilidade em relação às editoras que eram capazes de construir e consagrar a carreira de um escritor, o cenário que temos hoje é muito mais plural em relação aos lugares de onde partem os projetos editoriais, por vezes até efêmeros, mas com possibilidade de impactar o campo. Penso aqui em projetos como o da editora Padê, aqui do Distrito Federal, que, com uma proposta editorial focada na diversidade sexual e de gênero, produz quase de forma artesanal livros muito bem editados que têm recebido atenção da crítica. Projetos semelhantes estão surgindo em todo o país, mudando, no meu ponto de vista, a cara do nosso mercado editorial de forma radical. As Companhias das

Letras da vida continuam tendo sua importância, mas já não têm o monopólio do prestígio. Os novos atores que se impuseram no cenário das letras nos últimos anos, pela qualidade do produziam e pela força e urgência do que tinham a dizer (e aqui penso antes de tudo nas literaturas marginais periféricas, com todas as intercessões que articulam), modificaram de forma radical o cenário político do campo literário. Ainda bem.

Para finalizar, *in memoriam*, a fim de contemplar abertamente o determinismo geográfico que me une a um autor meu conterrâneo e por ti estudado: João Gilberto Noll. Por ocasião de sua morte, em 2017 o escritor Fabrício Carpinejar publicou um artigo onde lança uma sonora afirmativa, mirando o microcosmo gaúcho: “João Gilberto Noll não morreu de causa natural, foi assassinado pela sociedade. Foi assassinado pela indignância cultural do Estado. Foi assassinado pelo total desprezo de nossas instituições pelos grandes artistas e narradores.”. A partir do legado do autor, e do supracitado descaso sintomático e progressivo de células institucionais referentes à Cultura, tu poderias destacar alguns aspectos fundamentais na obra de Noll que dialoguem com atual desdém para com a cultura? O que, e quem, Noll provoca?

Nunca entendi bem essa frase do Carpinejar. Noll obteve bastante reconhecimento em vida. Não o conheci, não sei em que condições vivia. Mas sua própria obra, nas brechas autobiográficas que abriu, nos deu a ver uma carreira que teve a visibilidade que merecia: recebeu inúmeros prêmios, foi convidado para estar em diversos lugares do mundo para criar (e como criou nesses lugares!) e teve uma recepção extensa e generosa da crítica literária. É verdade que seus leitores são relativamente raros, que nunca foi um grande vendedor de livros, mas isso nunca foi condição para o reconhecimento no campo literário.

Então, partindo dessa constatação de que eu pouco soube da vida privada de Noll, olhando a questão colocada por você desde a obra que ele deixou, é inegável que é um autor que incomoda. O modo como trata o humano a partir de sua mirada para o outro, sempre buscado e poucas vezes alcançado, sua preferência pela figuração de experiências eróticas com o mundo e com as pessoas, sua defesa da generosidade e do encontro como formas de conciliação em utopias políticas que irrompiam de seus romances finais, ao mesmo tempo, sua opção pela deformação contra o bom mocismo, e, principalmente, seus personagens sexuais e dissidentes são todos modos de fazer uma literatura que afronta o Estado. Qualquer Estado, mas especialmente esse autoritário, militarista, machista, misógino, homofóbico que vem se afirmando no Brasil nos últimos tempos. Noll não faz essa afronta de forma óbvia. Sua obra tem uma dimensão política que ainda está por ser explorada na camada histórica profunda e estrutural que ela toca: a da linguagem que enuncia dissidências de uma norma cheia de poder e poeira, na qual nenhum João cabe – nem ele, nem seus narradores.